



Rádio na escola e/ou rádio da escola¹

Marcos BALTAR²

Maria Eugênia T. GASTALDELLO³

Marina A. CAMELO⁴

Bárbara M. LIPP⁵

Luciane TRENTIN⁶

Carolina KNOB⁷

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

RESUMO: Esse trabalho investiga a potencialidade da Rádio Escolar como ferramenta de interação sociodiscursiva, caracterizando-se como um dispositivo de ensinagem de gêneros textuais que circulam no ambiente midiático. Tem como propósito diferenciar a rádio na escola e a rádio da escola, além de construir novos caminhos para a promoção do desenvolvimento e aprendizagem de crianças, jovens e adultos. A pesquisa envolveu escolas públicas da região do entorno da Universidade de Caxias do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: rádio escolar, gêneros de texto, mídia, educação e competência discursiva.

Introdução

Desde a metade do século passado as pesquisas no âmbito da Lingüística vêm oferecendo importantes contribuições para subsidiar os estudos de mídia e educação em nosso país. Destacam-se os aportes das teorias que discutem os gêneros textuais: Interacionismo sociodiscursivo (ISD), Sócio-Retórica, Análise de discurso bakhtiniana, bem como as Teorias do Letramento, entre outras. O grupo de pesquisa UCS/CNPq, denominado EGET: estudo dos gêneros textuais orais e escritos, levando em consideração os aportes teóricos mencionados, vem atuando na formação inicial e continuada de professores de educação básica, valendo-se também de contribuições da pedagogia de projetos e da abordagem de ensinagem⁸ por competências, especialmente no tocante à competência discursiva, com o intuito de estimular a discussão acerca dos múltiplos letramentos possíveis de serem trabalhados desde a escola, notadamente o letramento midiático.

O presente artigo analisa os aspectos propulsores e restritivos da construção de rádios escolares (RE) produzidas por estudantes do ensino fundamental e da modalidade

¹Trabalho apresentado no NP Rádio e Mídia Sonora do XIII Nupecom - Encontro de Grupos de Pesquisa em Comunicação evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS).
Email:marbalta@ucs.br

³ Professora pesquisadora do Departamento de Educação Universidade de Caxias do Sul (UCS).

⁴ Estudante pesquisadora do curso de Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS).Email:macamelo@ucs.br

⁵ Estudante pesquisadora do curso de Comunicação da Universidade de Caxias do Sul (UCS).Email:bmlipp@ucs.br

⁶Estudante pesquisadora do curso de Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS).Email:ltrenti4@ucs.br

⁷Estudante pesquisadora do curso de Comunicação da Universidade de Caxias do Sul (UCS).Email:cknob@ucs.br

⁸O termo ensinagem está sendo empregado para ressaltar nossa posição contrária à dicotomia ensino-aprendizagem.



educação de jovens e adultos (EJA) em escolas públicas da região do entorno da Universidade de Caxias do Sul, que vêm sendo acompanhadas pela equipe de pesquisadores do grupo EGET. Discute alguns resultados de uma pesquisa-ação cujo objetivo foi verificar a potencialidade da RE como ferramenta de interação sociodiscursiva na comunidade escolar, além de sua funcionalidade como dispositivo de ensinagem, qualificador da prática didático-pedagógica de professores de língua materna.

A utilização da proposta sociointeracionista, possibilita que os estudantes, e toda a comunidade escolar, participem ativamente do processo de implantação e implementação da RE, atuando como produtores e ouvintes. Esse trabalho sinaliza um modo diferente de organizar os conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais) em sala de aula e em outros espaços escolares.

A implantação de um mídia radiofônica no ambiente discursivo escolar funciona aqui como contraponto ao discurso escolar tradicional alicerçado em relações assimétricas de poder, em que na maior parte do tempo, destinado à ensinagem, a voz e o discurso predominantes são do professor e da escola.

Essa pesquisa-ação difere-se da prática freqüente de introduzir a mídia *na* escola através de jornais e revistas, televisão ou rádio, utilizados como portadores de textos, com o objetivo único de estimular atividades de leitura e/ou de produção de textos escolares⁹. Consideramos importante a realização de atividades como estas, que aproximam os gêneros textuais da esfera da mídia do ambiente discursivo escolar, visto que ampliam a visão de mundo dos estudantes, acostumados a associar o ato de ler apenas à leitura de textos do ambiente discursivo literário. E consideramos importante que esse trabalho seja desenvolvido de modo que possa formar sujeitos críticos, que compreendam os discursos das mídias, em que atuam (quase sempre como leitores, telespectadores e ouvintes passivos) ou desejam atuar, como protagonistas e com autonomia¹⁰.

Perseguindo esse objetivo acompanhamos nas escolas a criação de REs com conteúdos gerados pelos próprios estudantes, oportunizando a eles a experiência de criar os quadros e os programas a serem difundidos na escola através da sua RE. A tese que procuramos demonstrar ao longo do relato e da análise dessa investigação é que essa dinâmica de trabalho na escola pode desencadear uma maior compreensão do papel da

⁹Ver Rojo (2000) sobre gêneros textuais de outras esferas sociais que são escolarizados, funcionando na escola como objetos de ensino.

¹⁰ Ver Baltar (2006, p. 109-121) sobre o uso de jornal na escola.



comunicação em estudantes e professores, gerando com isso o desenvolvimento de uma postura crítico-analítica tanto do discurso escolar quanto do discurso midiático. Por esse motivo nosso trabalho consistiu em assessorá-los para que no lugar de trabalharem textos de mídia *na*, produzam a mídia *da* escola.

Portanto, é nesse sentido que a implantação de RE na escola está sendo considerada aqui, como uma *atividade significativa de linguagem* do ambiente discursivo escolar, e como um dispositivo de ensinagem de gêneros textuais orais e escritos de circulação na mídia radiofônica. Um dos propósitos da RE é auxiliar os professores da educação básica a aprimorar suas práticas didático-pedagógicas, a fim de desenvolver em seus estudantes habilidades e competências para que possam atuar de forma autônoma em ambientes letrados, além do escolar. Essa investigação também pode subsidiar discussões acadêmicas acerca de quadros teórico-metodológicos viáveis para o ensino de línguas na educação básica, além de incrementar o debate sobre o papel da mídia na formação da cidadania e na construção de uma sociedade mais justa.

Para realizar esse estudo, adotamos os princípios epistemológicos e metodológicos da pesquisa-ação: problematização–ação–reflexão–ação–transformação. As atividades de pesquisa se desenvolvem por meio de visitas às escolas, reuniões e oficinas sobre RE com o corpo diretivo e docente, aplicação de questionários aos envolvidos, observação direta de aulas e intervenções durante o *processo* de produção dos programas.

Para efeito de sistematização o artigo está dividido em três tópicos, a saber: tópico 1: quadro teórico e tópico 2: quadro metodológico de base da investigação; tópico 3: afinal de que rádio estamos falando..., abordando características específicas que diferenciam a RE de outros tipos de rádio; tópico 4, discutindo a implantação/implementação das REs, e as implicações do trabalho com a mídia radiofônica *da* e *na* escola; além de algumas considerações finais.

1. Quadro teórico

1.1. Principais contribuições do ISD

Bronckart, juntamente com outros colaboradores (1985, 1997, 2004, 2006), num quadro inicialmente da psicologia da linguagem, inspirados na proposição interacionista de atividade e ação de linguagem, pensamento e consciência de Vigotsky (1985), baseados na Teoria do Agir Comunicacional de Habermas (1987), no conceito de interação verbal dialógica de Bakhtin (VOLOCHINOV) (1997a, 1997b), nos aportes de



Foucault (1969) sobre as formações discursivas, na contribuição de Wittgenstein (1961) sobre linguagem como um produto de interação social e do uso, no jogo das relações entre os usuários de uma língua natural; em busca de um quadro teórico que pudesse enfrentar as lacunas que separam as ciências que estudam o humano, propuseram um edifício teórico ao qual denominaram Interacionismo sociodiscursivo (ISD).

O ISD, em suma, postula que as ações humanas devem ser tratadas em suas dimensões sociais e discursivas constitutivas, considerando a linguagem como principal característica da atividade social dos homens, que interagem no intuito de se comunicar, por meio de atividades (coletivas) e ações (individuais) de linguagem, concretizadas por intermédio de textos de diferentes gêneros. Dentro desse quadro o termo *agir* é utilizado para designar toda a forma de intervenção orientada de um ou vários seres humanos no mundo.

Em se tratando dos humanos em situação de agir, o ISD utiliza-se do termo neutro *actante* para evocar toda pessoa implicada no agir-referente. No plano interpretativo, utiliza-se do termo *ator*, quando o atuante é a fonte do processo, dotado de capacidades, motivos e intenções e utiliza-se o termo *agente*, quando o actante não é a fonte do processo.

Enquanto que a noção de *actante* é situada e sincrônica e pode designar um organismo que é a fonte de um agir dado (*ator*), a noção de *pessoa* designa a estrutura psíquica que se elabora diacronicamente em cada organismo. Essa estrutura é o resultado da acumulação de experiências de agentividade, que variam em quantidade e qualidade (em função dos contextos de mediação formativa) e que se desenvolvem em uma temporalidade sempre particular, constituindo, assim, uma microistória experiencial.

Esse tipo de noção também se aplica ao domínio da linguagem. O ISD define *atividade de linguagem* como um fenômeno coletivo de elaboração e prática de circulação de textos, cujo objetivo é estabelecer uma compreensão do contexto e das propriedades das atividades em geral; trata-se de uma meta-atividade que (re) semiotiza as representações humanas no quadro das possibilidades disponíveis de uma língua natural. Quanto à noção de *ação de linguagem*, o ISD a define como uma parte dessa atividade, cuja responsabilidade é imputada a um ator singular.

A noção de *texto* da qual se utiliza o ISD se assemelha à noção voloshinoviana/bakhtiniana de enunciado/texto/discurso, ou seja, trata-se da unidade comunicativa verbal: oral ou escrita, gerada por uma ação de linguagem, que se



acumula historicamente no mundo das obras humanas, que os indivíduos utilizam para interagir uns com os outros nos diferentes ambientes discursivos da sociedade. Os textos, de acordo com suas características estruturais e funcionais, como unidades de interação verbal humana, podem ser classificados em gêneros textuais, o que garante sua indexação no inventário geral historicamente construído pela interação humana denominado arquitexto. Esse inventário é atualizados cada vez que ocorre uma ação de linguagem; e, portanto sempre suscetíveis de uma carga de novo. A produção de um novo texto empírico sempre modifica o inventário histórico já construído dos gêneros textuais, e a sua textualização o leva em conta mecanismos de coerência temática: conexão, coesão e posicionamento enunciativo (modalização e voz).

Os avanços tecnológicos da sociedade e as características de estilo de cada indivíduo, ao mobilizar uma língua natural são responsáveis pelo constante estado *ad hoc* do arquitexto. Um exemplo disso são os textos orais e escritos produzidos por estudantes, que circulam em uma mídia escolar: jornal ou rádio.

O trabalho de análise e de conceitualização das espécies de textos dão origem à noção empregada pelo ISD de *gêneros textuais*, que são considerados pelo ISD como megainstrumentos de interação humana. O rádio, a tevê, o jornal, e o computador, através de seus portais, sites, blogs etc., são meios pelos quais as atividades de linguagem/práticas sociais de linguagem, materializadas nos gêneros textuais, ocorrem na sociedade letrada moderna tal como é a sociedade em que vivemos hoje.

1.2. Pedagogia de projetos e Competência discursiva

O trabalho de implantação/ implementação de uma RE (meio em que pode se dar uma das muitas atividades de linguagem) na escola, seguindo a dinâmica da pedagogia de projetos e da pesquisa-ação pode auxiliar professores e estudantes no desenvolvimento de múltiplas competências, notadamente a competência discursiva.

Para Hernández (1998a, 1998b) a melhor maneira de se organizar um currículo na escola é por intermédio de projetos de trabalho. Alguns diretores, coordenadores pedagógicos e professores, quando argüidos por pesquisadores que atuam na formação continuada, têm relatado que trabalham ou querem trabalhar por projetos na suas escolas. Entretanto, muitos que dizem trabalharem por projetos referem-se a uma mera rotina de eventos que fazem parte do calendário escolar.

Hernández defende o potencial educativo dos projetos de trabalho pelo fato desse dispositivo priorizar estratégias de ensino geradoras de aprendizagens



significativas. Para ele, os projetos têm entre outros propósitos, o de horizontalizar as ações de poder, tentando dar vez e voz aos participantes, além de possibilitar crescentes modificações na postura do professor, que passa a exercer o papel de orientador, estimulador, auxiliando, em princípio, somente quando solicitado; e do aluno, que abandona o papel de receptor passivo, tornando-se sujeito ativo do processo de ensinagem.

Perrenoud (1999, 2002), sugere que para o estudante desenvolver suas competências, deve trabalhar mais, com disposição de correr novos riscos, projetar-se e questionar-se, de preferência através de situações-problema ou de seu engajamento na execução de atividades que façam parte de um projeto de trabalho.

Baltar (2006) assevera que o principal objetivo do professor deveria ser a mediação no desenvolvimento de competências dos estudantes e que a melhor maneira de fazer isso é organizar o tempo escolar em projetos de trabalho. Destaca a importância do professor de L1 (Língua Materna) em criar propostas didático-pedagógicas na escola, que possibilitem o desenvolvimento da competência discursiva dos estudantes.

De fato, os projetos de trabalho que vinculam a ensinagem na escola a situações e problemas significativos, reais ou mais próximos da realidade, podem provocar potentes mudanças na dinâmica escolar, por formar indivíduos com uma visão mais global da sociedade, podendo prepará-los para desenvolver múltiplas competências que poderão acompanhá-los durante a vida.

Uma vez cientes das potencialidades da pedagogia de projetos de trabalho, os professores podem assumir uma postura didático-pedagógica inovadora superando as limitações do espaço escolar: físico e discursivo, viabilizando ao estudante a função de protagonista de sua própria formação.

2. Quadro metodológico

De acordo com os princípios da pesquisa-ação: problematização–ação–reflexão–ação–transformação, o processo metodológico dessa investigação foi dinamizado por meio de reuniões, entrevistas semi-estruturadas, questionários e fichas de avaliação aplicadas aos alunos e professores, complementados pela observação direta de suas práticas em sala de aula. Essa dinâmica teve a finalidade de construir um perfil diagnóstico dos domínios e das dificuldades encontradas no processo de implantação da RE, visando à elaboração de prognósticos de intervenção sistemática pelo grupo de pesquisa no processo de implementação das RE.



A escolha do quadro metodológico da pesquisa-ação justifica-se pela característica da atividade de pesquisa em questão: trabalho coletivo de implantação e implementação de RE, tendo os estudantes como protagonistas.

Consideramos fase de *implantação* o processo inicial de construção da RE: a pesquisa de opinião na comunidade sobre a validade de construir a RE na escola, a reunião com o corpo diretivo e a coordenação pedagógica da escola para garantir apoio institucional ao projeto, a formação de grupos de estudantes para produzir os programas, a escolha do espaço físico e a instalação do equipamento de áudio para o funcionamento do estúdio de gravação e transmissão de programas, a instalação de caixas de som nas salas de aula da escola e a produção dos primeiros programas feitos pelos estudantes envolvidos.

Consideramos *implementação* a segunda fase do trabalho, em que a RE já está em funcionamento. Essa fase inclui a produção dos programas (escolha do tipo de programa, seleção dos quadros, escrita e reescrita dos gêneros de texto, organização da lauda etc.) e o domínio do processo de gravação e transmissão (treino de leitura, uso do microfone, controle dos aspectos técnicos, etc.).

Em ambas as fases a equipe de pesquisadores intervém junto aos estudantes e professores mediadores, oferecendo subsídios teórico-metodológicos para a execução da proposta. Na fase da implantação, os subsídios são tanto de ordem técnica quanto de ordem didático-pedagógica. Na fase de implementação os subsídios concentram-se mais no âmbito didático-pedagógico de ensinagem de conteúdos e desenvolvimento de habilidades e competências nos estudantes e professores envolvidos com a RE.

O grupo de pesquisa, seguindo a dinâmica de pesquisa-ação, concentra-se no processo de construção e aprimoramento constante da RE. Focaliza também o produto desse trabalho, ou seja, preocupa-se com a organização e com a qualidade dos programas, quadros e gêneros de texto produzidos pelos estudantes, promovendo análises e sínteses coletivas que proporcionem a compreensão dos sujeitos envolvidos na RE.

3. Afinal, de que rádio estamos falando...

Alguns textos de referência sobre a mídia radiofônica, conforme Ferraretto (2001), MCLEISH (2001), Filho (2003), Almeida (2004), entre outros, quando tratam da tipologia de rádios discorrem notadamente acerca da seguinte tipologia: rádio comercial, rádio educativa e rádio comunitária.



As *rádios comerciais* são empresas cujo objetivo prioritário é a obtenção de lucro. Elas representam a maior parcela de emissoras no Brasil, e como consequência disso atingem a maioria dos ouvintes, devido sua potência de alcance. Seu foco principal é a informação e o entretenimento. Caracterizam-se pela veiculação de peças publicitárias intercaladas intencional ou subliminarmente em sua programação. O perfil editorial dessas emissoras atende a dois tipos de clientes: os ouvintes, que são receptivos aos conteúdos veiculados e compradores em potencial, e os anunciantes, que patrocinam os programas em troca de publicidade de suas marcas.

As *rádios comunitárias* diferenciam-se das rádios comerciais por serem produzidas e veiculadas pelos próprios moradores de uma comunidade e por não possuírem fins lucrativos. Têm o intuito de promover e qualificar o convívio na comunidade, estimular a interação, valorizar o que lhe é típico, difundir idéias, criando espaço para as múltiplas vozes da comunidade, veiculada dentro de um limitado raio de transmissão. Normalmente, quando há apoio financeiro, esse advém de empresas da própria comunidade. Entretanto, nem sempre as rádios comunitárias exercem esse papel social. Atualmente, muitas emissoras estão associadas a igrejas e partidos políticos, comprometendo sua concepção inicial de interação entre a comunidade.

As *rádios educativas* têm por objetivo a veiculação de programas de cunho educativo-cultural. Em princípio, a concepção da programação é feita por profissionais da área da cultura e por professores, ficando sua execução a cargo de jornalistas. Essas rádios também não possuem fins lucrativos e são mantidas pela União, governos estaduais ou municipais, fundações e universidades. Seu foco é a socialização do conhecimento e a formação de opinião do ouvinte, com perfil editorial alinhado a sua instituição mantenedora.

Diferentemente das rádios comerciais, educativas e comunitárias¹¹, já legitimadas, a *rádio escolar* ainda está em um processo embrionário em nosso país.

A *rádio escolar (RE)* é uma ferramenta de interação sociodiscursiva que, ao mesmo tempo que possibilita o acesso ao discurso midiático radiofônico desde a escola, auxilia no trabalho com os conteúdos alinhados ao projeto pedagógico. Os programas gravados ou transmitidos ao vivo são produzidos e veiculados em horário previamente acordado com a direção, professores e estudantes, dentro do espaço e tempo escolar em

¹¹ Embora as rádios comunitárias não gozem de mesmo prestígio nos órgãos reguladores da mídia no país. Vide o filme *Uma Onda no Ar*, que trata da história de implantação de uma rádio comunitária, na cidade de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, Brasil, intitulada Rádio Favela.



que ocorrem regularmente as atividades didático-pedagógicas. Seu alcance de transmissão é restrito aos limites da escola.

A concepção e a execução dos programas da RE são de responsabilidade compartilhada entre professores e estudantes e sua coordenação pode ficar a cargo de um professor (es) ou dos líderes estudantis. A escolha dos tipos de programas e do perfil editorial de uma RE varia de acordo com os objetivos dos sujeitos envolvidos no projeto.

Os programas podem ser alimentados por conteúdos pertinentes a todas as áreas de conhecimento. É possível que o professor reserve algum conteúdo da sua disciplina para ser tratado num quadro do programa da RE. Temas transversais também podem ser tratados inter/transdisciplinarmente em quadros dos programas da RE.

Convém comentar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), numa tentativa de alinhamento com as contribuições das novas teorias de ensinagem, sugerem trabalhar com os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais de forma articulada, através de diversas ferramentas, entre as quais encontra-se a pedagogia de projetos. A referida articulação impõem condições diferenciadas na abordagem tradicional de ensinagem, no que se refere ao trato com a informação. A RE pode dar conta de novas práticas de ensinagem, criando chances para um aprendizado autônomo, que auxilia os estudantes a exercer um efetivo papel de protagonistas, ao invés de meros espectadores, vivenciando práticas letradas do ambiente midiático.

A rádio escolar que propomos e que estamos ajudando a construir no nosso âmbito de atuação, está em consonância com os preceitos sociológicos dos Projetos educom.radio e Rádio nas Escolas, já em andamento no país. Busca também subsídios no quadro epistemológico de uma Linguística plural, focalizada na ensinagem de gêneros de textos orais e escritos, dentro de uma proposta inter/transdisciplinar de estudo de conteúdos, e no desenvolvimento integral de crianças, jovens e adultos.

Durante o desenvolvimento do projeto da RE foi possível perceber, através dos questionários respondidos pelos estudantes no início da proposta, que as suas concepções de rádio restringiam-se ao discurso padrão/habitual das rádios comerciais, amplitude modulada (AM) e frequência modulada (FM), notadamente rádios de FM. Essa constatação foi detectada à medida que os estudantes eram estimulados a pensar o perfil editorial da RE que desejavam implantar na escola. Alguns estudantes consideravam que a rádio na escola deveria ter um perfil de entretenimento, com muita música, aproximando-se de um perfil de rádio FM. À medida que a discussão avançava



e ampliava-se o conhecimento sobre outros modelos de rádio na sociedade, os estudantes demonstravam uma paulatina desvinculação do discurso midiático padronizado e pareciam mais à vontade para incrementar o modelo da sua RE¹².

A RE pode contribuir para os estudantes exercerem efetivamente um papel de protagonismo social, através da alternativa de ensinagem dos gêneros textuais. À medida que os estudantes se apropriam dos gêneros midiáticos e seus componentes, passam a compreender melhor como são concebidos e produzidos, obtendo uma percepção diferente daquele gênero, pelo fato de serem autores daquela atividade de linguagem. Do ponto de vista da *formação de professores*, o projeto EGET tem o objetivo de propiciar a interação com outros ambientes discursivos, além do escolar. A RE tem-se revelado como uma ferramenta catalisadora de interesses e atividades inovadoras, fatores que contribuem para intensificar a motivação dos estudantes.

4. Rádio na escola e/ou da escola

Trabalhar com gêneros textuais oriundos do ambiente discursivo midiático ainda é uma prática esporádica nos ambientes escolares. Quando ela é utilizada, raramente é feita a distinção entre mídia *na* e *da* escola, já que se utiliza de jornais e revistas, apenas como portadores de textos do ambiente discursivo midiático, para estimular atividades de leitura e/ou de produção de textos escolares¹³. Em outras palavras, deve-se considerar o fato de que alguns professores levam para escola textos de jornais e revistas, ou mesmo filmes, já entronizados pela mídia convencional, que funcionam mais no sentido de acentuar o pensamento de senso comum por ela difundido do que no sentido de provocar reflexão crítica sobre os temas ali abordados. Agindo assim, a escola deixa de abrir espaço para a discussão acerca de temas de possível interesse da comunidade escolar e, no lugar de funcionar como instância questionadora, até mesmo debatedora do discurso hegemônico dos veículos de comunicação de massa, atua ingenuamente como mantenedora do *status quo* vigente, não raro, chancelando um modelo social pouco democrático.

A rádio *na* escola caracteriza-se por inserção de programas de outros tipos de rádio (comercial, educativa, comunitária), nas atividades escolares, normalmente

¹² É preciso ressaltar que, como todo trabalho educacional, há nessa experiência da construção de REs nas escolas uma assumida posição ideológica da equipe de pesquisadores do grupo EGET. Desde o princípio, assume-se diante da direção da escola e dos professores mediadores, que a RE deverá ter perfil editorial próprio, repercutindo o discurso da comunidade escolar e não o discurso e o modelo de outras rádios que circulam na sociedade.

¹³ Ver Rojo (2000) sobre gêneros textuais de outras esferas sociais que são escolarizados, funcionando na escola como objetos de ensino.



desvinculadas dos conteúdos trabalhados pelos professores e como pretexto para outras atividades, sem uma efetiva produção e reflexão sobre os conteúdos. O que propomos com a rádio *da* escola, é a criação de uma mídia própria, construída pelos integrantes da comunidade escolar.

A proposta do projeto pressupõe uma preparação dos professores e a elaboração de uma metodologia de trabalho viável, buscando alternativas para efetivar o caráter identitário *da* rádio, afim de que se torne um espaço constitutivo do Projeto Político Pedagógico da escola e do Plano de Trabalho do Professor. Dessa forma, o projeto de rádio *da* escola vale-se de temas vindos da demanda da própria comunidade, observando a necessidade de um maior conhecimento da natureza e da dinâmica das fontes fornecedoras da informação primária (comprometimento ético entre fato e versão, manipulação e fidedignidade da informação), subsidiando a construção de textos que, costumeiramente, não circulam no ambiente discursivo escolar.

Conceber a rádio dessa forma implica, não só em analisar a produção já existente dos outros tipos de rádio mas, sobretudo, em produzir programas, utilizando os conteúdos propostos nos planos de trabalho da escola e do professor, para que, efetivamente, possamos ter uma rádio *da* escola. A RE, em caráter experimental ou institucionalizada, pode constituir-se numa ferramenta metodológica de ensinagem de conteúdos tridimensionais, devendo ser veiculada durante o horário de aula, em períodos determinados, e de conhecimento dos professores e dos alunos, não somente como um atrativo e diferencial na hora do intervalo ou como um componente extracurricular. A sistematização é imprescindível na implementação da RE, visto que a legitimidade e a longevidade dessa prática pedagógica depende fundamentalmente de princípios e rotinas organizados, estruturados, com crescentes gradientes de qualidade na sua programação.

Além disso, a proposta de rádio *da* escola, caracteriza-se por ser uma produção original, vinda da demanda dos seus participantes e alimentada por uma genuína polifonia. O acesso a diferentes mídias, inclusive ao rádio, é possibilitado pelo caráter identitário da RE de cada escola. O espaço institucionalizado deverá facilitar a distribuição do trabalho com a RE nos currículos das diferentes disciplinas das séries e turmas da escola. Uma vez implantada, as atividades voltam-se para o aprimoramento dos programas, e para a dinâmica de funcionamento da RE, visando a um progressivo engajamento, não só de estudantes como de toda comunidade escolar, a fim de legitimar a RE no espaço escolar. Para elucidar esses diferentes trabalhos, explicitaremos algumas



experiências de implantação/implementação de REs, acompanhadas e orientadas pelo grupo de pesquisa.

A primeira experiência, denominada Rádio Espaço Jovem (REJ) da Escola Municipal José Protázio¹⁴, foi criada em 2005 por uma professora de L1 com o intuito de romper com os dispositivos didático-pedagógicos tradicionais de ensino na escola. Depois de ter feito cerca de 10 programas gravados *ao vivo* com seus estudantes, em 2006, a professora solicitou ao grupo de pesquisa EGET assessoramento, afim de qualificar os processos de produção e gravação dos programas.

Na implantação da RE, o objetivo da professora era a inclusão do maior número possível de estudantes na atividade de linguagem, com o intuito de desenvolver suas habilidades de comunicação, desinibição e leitura. A pauta e os quadros dos 10 programas produzidos inicialmente, eram de composição variável. Como o trabalho era construído de forma assistemática e as condições técnicas eram precárias, o resultado final causava frustração.

Concomitantemente a esse processo, foram feitas análises da produção inicial, que resultaram num novo ciclo de discussões entre pesquisadores e professora, em que ficou consensualizado a observação direta das aulas, destinadas à produção dos programas da RE. Essa estratégia permitiu a análise contrastiva de procedimentos de ensinagem, utilizados na atividade de produção dos programas.

Dentro do processo de problematização-ação-reflexão-ação-transformação, discutiu-se com a professora e estudantes a funcionalidade da lauda para a organização geral do programa radiofônico. A construção das laudas pelos estudantes, foi monitorada pela pesquisa, uma vez que o propósito consistia em acompanhar os progressos em termos de domínio desse gênero de texto.

A segunda experiência, denominada (REE) Rádio Espaço Escolar, da Escola Municipal Francisco Zilli, de Flores da Cunha, iniciou no final de 2006, após convênio entre o grupo EGET vinculado à UCS com a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto (SMECD) - Flores da Cunha-RS. Após reuniões realizadas com o grupo de professores da referida escola, em 2007, foi sistematizada a implantação, decidindo-se iniciar por uma turma piloto. Diferente da experiência com a escola José Protázio, que contava somente com o comprometimento da professora de L1, a escola Francisco Zilli contou com o engajamento da direção, coordenação pedagógica e Círculo de Pais e

¹⁴ A escola de Ensino Fundamental José Protázio é uma escola que trabalha por ciclos de aprendizagem (ciclada), que organiza seu trabalho didático-pedagógico de forma trimestral.



Mestres (CPM) da escola que instalou todos os equipamentos necessários. O resultado desse envolvimento, foi percebido na audição dos programas e na efetiva participação e reconhecimento da comunidade escolar.

Após a implantação da rádio, iniciou-se o processo de implementação com a participação de outras turmas, que continua em 2008. Também os professores resolveram vivenciar a experiência que estavam oferecendo aos alunos, construindo um programa que pode subsidiá-los pedagogicamente com mais propriedade.

A análise do processo de implementação da rádio evidencia uma das teses do grupo de pesquisa, defendendo que quando os professores e estudantes são estimulados a acionar seu conhecimento prévio sobre o ambiente discursivo midiático, diferentes tipos de rádio, programas e gêneros textuais, materializando as ações de linguagem oriundas da interação produtor-ouvinte, torna-se possível uma compreensão das funções formativas específicas desse dispositivo.

Considerações finais

É possível dizer que a experiência de implantação das REs nas escolas da região do entorno da UCS, apresenta-se promissora se considerarmos a sua expansão. A partir de 2008, o projeto está ampliando o espectro de atuação, incluindo outras três escolas de Flores da Cunha e uma escola de Caxias do Sul. Na Escola Estadual São Rafael, a pedido da coordenação pedagógica, direção e professores, o trabalho vislumbra ampliar os dispositivos didático-pedagógicos utilizados para trabalhar com conteúdos tridimensionais, principalmente de L1, com alunos das séries finais do Ensino Fundamental. Na Escola Municipal 1º de Maio, o projeto da RE está iniciando com as reuniões para subsidiar os professores na dinâmica de trabalho a ser implantado. As escolas que estão engajadas no trabalho com a RE, estão tentando construir uma identidade própria para cada rádio, buscando manter permanente diálogo com a realidade que lhe é peculiar. Desde o mês de fevereiro de 2008, o grupo de pesquisa também vem trabalhando na implantação da RE da Escola Municipal Luciano Corsetti, de Caxias do Sul, na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), conta com a participação de todos os professores no projeto da RE.

Entretanto, ainda é cedo para avaliarmos com mais precisão os ganhos em desenvolvimento e aprendizagem dessa experiência. Os relatos dos sujeitos que participam da RE têm sido positivos, no sentido de revelar ampliação de visão de



mundo e de acesso a um discurso ainda não internalizados. Possivelmente os sujeitos envolvidos nessa experiência não mais receberão com a mesma aderência, os textos veiculados nas emissoras de rádio as quais têm acesso.

Se de um lado a verve crítico-analítica foi acionada, por outro lado, a verve criativa expandiu-se por intermédio da diversidade de programas, quadros e gêneros de textos produzidos. O grupo de pesquisa EGET incentivou cada escola a adotar um amplo grau de liberdade na construção da identidade de cada RE. Essa postura buscou harmonizar os propósitos sociointerativos dos sujeitos protagonistas da RE com os tipos de quadros e programas que eles desejavam construir.

Assim, a RE passa ser considerada um dispositivo de inovação metodológica, contribuindo para a mudança de enfoque didático-pedagógico dado aos conteúdos escolares, ela não pode ser concebida apenas como mero recurso de apoio a um fazer pedagógico estabelecido. Muito mais do que isso, essa ferramenta permite inserir, não só professores e estudantes, mas toda a comunidade, desde a escola, num debate permanente sobre os textos e os discursos que circulam na esfera da comunicação, espaço altamente prestigiado pela sociedade letrada moderna, o que pode ajudar a escola a cumprir o insistente propósito de uma educação verdadeiramente universal e democrática, formadora de sujeitos protagonistas da sociedade em que atuam.

Referências

- ALMEIDA, A. A. **Novos rumos do Rádio Educativo**: uma proposta de educomunicação. Correspondente Escolar. TCC: Comunicação social – Habilitação em Jornalismo. *Orientador*: Maria da Graça Guaranha Greisner. RS: Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- ANDALOUSSI, K. **Pesquisa-ações**. Ciências, Desenvolvimento, Democracia. São Carlos-SP: EduFSCar, 2004.
- BAKHTIN, M. (V. N. VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 8ª ed. São Paulo, Editora Hucitec, 1997a.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997b.
- BALTAR, M. **Competência discursiva e gêneros textuais**: uma experiência com o jornal em sala de aula. 2ª ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.
- _____. **O conceito de tipos de discurso e sua relação com outros conceitos do ISD**. No prelo.
- _____. **Multimídia na escola**: letramentos e gêneros textuais. Projeto de pesquisa inédito, Caxias do Sul, 2007.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão/SC, v. 4, n. 1, 2003.
- BRONCKART, J-P. Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2006.
- _____. **Une introduction aux théories de l'action**. Carnets des sciences de l'éducation. Faculté de psychologie et des sciences de l'éducation. Université de Genève, 2005.



- _____. (Org.) *Agir et discours en situation de travail. Les cahiers de la section des sciences de l'éducation*. n. 103, 2004.
- _____. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- _____. **Activité langagière, textes et discours: pour un interactionisme socio-discursif**. Paris: Delachaux et Niestlé, 1997.
- BRONCKART, J-P.; BAIN, D.; SCHNEUWLY, B.; DAVAUD, C. et PASQUIER, A. **Le fonctionnement des discours: un modèle psychologique et une méthode d'analyse**. Paris: Delachaux et Niestlé, 1985.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre, RS: Sagra Luzzatto, 2001.
- FILHO, André B. **Gêneros Radiofônicos Os formatos e os programas em áudio**. São Paulo, SP: Paulinas, 2003.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- FOUCAULT, M. **L'archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1981.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31.ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2005.
- HABERMAS, J. **Teorias de l'agir comunicational: rationalité de l'agir et rationalization de la société**. Paris : Fayard, 1987.
- HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998a.
- _____. **A Organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: Artmed, 1998b.
- KLEIMAN, A. **Significados do letramento**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1995.
- _____. **A formação do professor: retextualização e práticas de letramento**. Projeto de pesquisa inédito. Campinas-SP, Unicamp/Fapesp, 2003.
- _____. **Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento**. IN: CORRÊA, M. (Org.) **Ensino de línguas: letramento e representações**. 2005.
- LUZ, Dioclécio. **Rádios Comunitárias, na intenção de mudar o mundo**. Brasília, DF: Copyleft, 2001.
- MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus Editorial, 2001.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. **Jornalismo de rádio no Brasil: instantes precursores da prática e do ensino**. **Conexão: Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, RS: EDUCS. v.2, n.3, jan-jun, 2003.
- PERRENOUD, Philippe. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- RIBEIRO, V. **Letramento no Brasil**. Reflexões a partir do INAF. São Paulo: Global, 2003.
- ROJO, Roxane. **A prática de linguagem em sala de aula praticando os PCNS**. São Paulo: EDUC, 2000.
- ROJO, R. H. R.; CAVALCANTE, J. C.; PIO, D. A.. **Práticas de Linguagem no Ensino Fundamental: Circulação e apropriação dos gêneros do discurso e a construção do conhecimento**. Intercâmbio, São Paulo, SP, v. 10, p. 125-136, 2001.
- SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- _____. **Letramento e escolarização**. IN: RIBEIRO, V. **Letramento no Brasil**. Reflexões a partir do INAF. São Paulo: Global, 2003.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1998.
- VIGOTSKY, L.S. **Pensée et langage**. Paris : Éditions sociales, 1985.
- WITTGSTEIN, L. **Investigations philosophique**. Paris: Gallimard, 1961.